

Alguns desdobramentos entre o próximo e o distante	Título
Limonad, Ester - Autor/a; Lima, Ivaldo Gonçalves de - Autor/a;	Autor(es)
Entre a ordem próxima e a ordem distante: contribuições a partir do pensamento de Henri Lefebvre	En:
Niterói	Lugar
GECEL, Grupo de Estudos de Cidade, Espaço e Lugar UFF, Universidad Federal Fluminense	Editorial/Editor
2003	Fecha
	Colección
Sociología urbana; Ciudades; Medio social; Medio urbano; Relaciones humanas;	Temas
Capítulo de Libro	Tipo de documento
http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/Brasil/ppgeo-uff/20121204013825/cinco.pdf	URL
Reconocimiento-No comercial-Sin obras derivadas 2.0 Genérica http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.0/deed.es	Licencia

Segui buscando en la Red de Bibliotecas Virtuales de CLACSO
<http://biblioteca.clacso.edu.ar>

Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO)
Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO)
Latin American Council of Social Sciences (CLACSO)
www.clacso.edu.ar



Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales
Conselho Latino-americano de Ciências Sociais
Latin American Council of Social Sciences



Alguns desdobramentos entre o próximo e o distante

Ester Limonad

Ivaldo Gonçalves de Lima

Universidade Federal Fluminense
Programa de Pós-Graduação em Geografia

Para encerrar esta coletânea gostaríamos de salientar alguns pontos. Em primeiro lugar, em termos da dialética entre a ordem próxima e a ordem distante, a aproximação – ou proximidade física, espacial e temporal aparece mais como uma convergência e uma simultaneidade em que o próximo e o distante coexistem, do que em uma oposição entre coisas distintas.

Temos também uma similaridade nas abordagens dos diversos autores. Todos voltaram-se, com distintos enfoques e escalas para a questão do cotidiano, da cotidianidade, da festa e do encontro. Enquanto no trabalho de Randolph a cotidianidade aparece como o lugar do vivido, da experiência, da percepção, da apreensão da realidade – em um (re)conhecimento identitário que ao mesmo tempo em que rompe com (o próximo) – a rotina massacrante do cotidiano – encontra-se no estranho, no desconhecido mediante um *déjà vu* em relação ao que poderia ser considerado o distante. No trabalho do Grupo de Estudos de Henri Lefebvre o cotidiano aparece como o espaço que permite agregar e congrega a violência. Enquanto no trabalho de Limonad e Lima aparece como o espaço de reprodução da família, de apropriação e de uso social, escala da casa e do vivido – não se trata aqui, também da rotina imposta pelas exigências da reprodução social das relações sociais de produção – escala da totalidade, mas de espaço onde se encontram o próximo e o distante, onde se encontram e enfrentam Prometeu e Dionísio, enquanto possibilidades de dominação e apropriação social, enquanto a contradição latente entre valor de uso e valor de troca, já expressa por Marx em o Capital e que Lefebvre (1991) resgata – como ele mesmo reconhece no 2º capítulo da “Produção do Espaço” para a luta pelo direito à cidade.

A escala cotidiana, do lugar de vida, congrega em si o próximo e o distante à medida em que os homens se alienam e deixam absorver pela rotina, pela repetição, necessária à reprodução biofisiológica e ao mesmo tempo estes mesmos homens libertam-se extravasam suas necessidades através da festa e do encontro, e de uma certa forma rompem com esta rotina do cotidiano. O que nos remete a um outro trabalho de Heller (1972) em que ressalta que mesmo na loucura e irracionalidade da guerra e da violência os homens, para se manterem mentalmente são constróem uma rotina cotidiana, mesmo que irracional – em que os diferentes grupos se encontram e reconhecem enquanto seres humanos.

Ainda em relação à festa e ao encontro não podemos relegar a um segundo plano o papel de certos eventos de massa – controlados ou não pelos grupos hegemônicos, que servem de meio para catalisar e sublimar emoções sociais como são o futebol, os shows de música popular e o carnaval.

Não podemos deixar de enfatizar na dialética entre o próximo e o distante que esta pode servir de recurso metodológico na análise científica, à medida em que carrega em si a própria lógica do método regressivo-progressivo proposto por Lefebvre, ao qual vários trabalhos fizeram menção. O próximo-distante, em si não implica em pensar em um (o próximo) enquanto uma simplificação e o outro (o distante) como uma complexificação da realidade. De fato, ambos são complexos, simultâneos e integram distintos momentos e esferas da vida social.

Além disso, as reflexões contidas nos trabalhos aqui reunidos autorizam-nos afirmar que a contribuição de Henri Lefebvre acerca da ordem próxima e distante, longe de conduzir a um monopólio de interpretação, finda por levar a desdobramentos fecundos, dos quais depreendem-se novos caminhos, enfoques e perspectivas. A validação deste fato reside na articulação de categorias verbais utilizadas pelo próprio Lefebvre com outros termos julgados oportunos – porque inerentes – à temática da proximidade e da distância – os quais sistematizamos no quadro que segue, no qual estão arrolados os termos que, de uma forma ou de outra, foram referenciados (ou aludidos) nos textos desta coletânea.

Quadro de Termos Correlatos

ordem próxima	ordem distante
(co-)presença	tele-presença - ausência
encontro	separação - desencontro
cotidiano compartilhado -local	global
lugar - pausa	espaço - movimento
lar - abrigo	"rua" - mundo
o mais baixo - o mais miúdo	o mais elevado - o mais incomensurável
imediato	mediato
reprodução (família)	reprodução das relações sociais de produção
vivido	concebido
espaço dos corpos	espaço das imagens
acessível	inexpugnável
interno - interior(idade)	externo - exterior(idade)
empírico	representado
convergência	divergência
endótico	exótico
contingente	estrutural
residual	recorrente
singular	universal
óbvio	oculto
fragmentário	unitário
agregador	dispersivo
parte	todo
"fechado" - proteção	"aberto" - ameaça - violência
concreto	abstrato
explícito	sub-reptício
restrito	amplo
visibilidade/transparência	opacidade
familiar - proteção - conhecido	estranho - a ameaça - "ignorado"
identidade - o eu	alteridade - o outro
face-a face	indireto
comunidade	sociedade
privado	público
presente	passado/futuro
elaborado por Ester Limonad e Ivaldo Gonçalves de Lima	

Nunca é demais lembrar que os termos do quadro acima não encerram em si uma estrutura binária, dual, dicotômica, mas sim revelam a possibilidade de um diálogo entre si. Trata-se do reconhecimento necessário dos desdobramentos interpretativos aos quais nos reportamos, cuja premissa está assentada em uma perspectiva francamente dialética.

Outrossim, cumpre sublinhar um traço distintivo do conjunto de textos presentes, qual seja o esforço de apontar na direção de um horizonte múltiplo, isto é de vastas e multiplicadas possibilidades – seja pela abertura do leque temático, ou pelos aprofundamentos conceituais. Acrescente-se, a tal esforço, o intuito de atualizar permanentemente o debate acadêmico. Velho (2003:15) contribui para corroborar esta assertiva, ao registrar que, no que tange à antropologia, “o fato é que, hoje, o próximo, o vizinho, o amigo, já não é um empreendimento tão excepcional”, o que implica “em lidar com a problemática da familiaridade e do estranhamento”. O geógrafo Milton Santos, igualmente, alerta para o interesse atual sobre os estudos da proximidade ao citar Guigou, o qual afirma que a proximidade “pode criar a solidariedade, laços culturais e desse modo a identidade” (1996:255). Resta-nos, então, o questionamento: o que pode a dialética entre a ordem próxima e a ordem distante?

Há de se valorizar o fulcro temporal e perceber o que se pode avaliar acerca do próximo e do distante, em que pesem o passado e o futuro, como argumenta Randolph em seu trabalho, bem como na perspectiva de Castel ao analisar o enraizamento de comunidades territoriais restritas na Europa feudal, e assim se referir à “proteção próxima” (1998:49). O mesmo enlace espaço-tempo deve ser iluminado ao se avaliar o próximo como espaço dos corpos; lembrando que o corpo (biofisiológico e sexual), que já foi divinizado / demonizado, que já obedeceu a padrões rígidos de conduta “multiplica-se agora em experiências, nas quais a interioridade e exterioridade se confundem, o eu e o outro se intercambiam de formas inesperadas”, segundo Villaça e Góes (2001:134). Se considerarmos as possibilidades contemporâneas de realidade virtual, de novas tecnologias médicas, da engenharia genética surge a pergunta: de que corpo estamos falando? Pensemos junto com Stewart (1995) e Lefebvre (1996), o corpo aqui é o próprio corpo humano em relação às diferentes escalas do espaço social em que vive, se relaciona, enquanto ser social. Referimo-nos, aqui, assim, tanto à relação do corpo com os espaços do cotidiano - espaço do lar, da “rua”, quanto à relação dos corpos com o espaço de reprodução da totalidade - da cidade, do território,

onde se inserem as formas de representação do corpo, os meios de seu enclausuramento e possível libertação.

Trata-se, portanto, de relativizar, à guisa de Lefebvre, a compulsão que as pessoas têm, como se fora um desejo obsessivo, de estabelecer “relações chegadas, abertas, face a face com outras pessoas, no mesmo território”, consoante Sennet (1988:363), mas também de valorizar os liames deste com outro(s) território(s), desta com aquela(s) ordem(ns), ou mesmo desta (des)ordem com aquela outra possível.

Os trabalhos do Grupo de Estudos de Henri Lefebvre e de Randolph aproximam-se ao tratarem do “estranho”, do não-familiar, no primeiro é ressaltado a não-identificação, não-pertencimento que acaba por levar a manifestações de violência, enquanto o segundo aponta para o (re)conhecimento através do estranhamento e do contato com o inusual - o próximo e distante ao mesmo tempo.

Trata-se de perceber o caráter eminentemente político da obra de Lefebvre em sua pugna por uma sociedade futura onde seja possível a apropriação social do espaço (social) - o que em si - representa a construção de um código dominado pelos usuários deste espaço, que lhes permita nele se movimentar e apropriar e que não esteja restrito às práticas espaciais hegemônicas enquanto meio e forma de expressão do espaço concebido.

A contradição entre o valor de uso e o valor de troca do espaço social da cidade, enquanto contradição entre a possibilidade de apropriação e a dominação social deste espaço - aponta seja para a despolitização e despersonalização dos espaços da cidade tornados objetos de consumo - mercantilizados pela troca, seja para a necessidade de surgimento de uma nova sociedade - uma sociedade urbana - e por conseguinte que dê margem ao surgimento de um novo espaço e à sua apropriação e ao seu uso. Um espaço diferencial que supere o espaço abstrato do capitalismo.

Retomamos, assim, a parte final do nosso texto, em que ressaltamos que o próximo e o distante **provisória e freqüentemente** convergem a ponto de se (con)fundirem. Importa, pois considerar de modo dialético e não dual ao mesmo tempo os contrários, os antípodas, em termos de qualidades e diferenças, que se manifestam seja na política do corpo, da reprodução biofisiológica dos homens, seja na política de reprodução da totalidade, no confronto entre o dito e o não-dito (o silêncio). O

do concebido frente ao vivido, que deve se traduzir em uma luta geral pela construção de um espaço diferencial, um espaço que emerja da diferença e fundamente a transformação social.

oOo

Bibliografia

- CASTEL. R. (1998). *As metamorfoses da questão social*. Petrópolis: Vozes.
- HELLER, Agnes (1972). *O Quotidiano e a História*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972 (Trad. do original em alemão: Alltag und Geschichte: zur sozialistischen Gesellschaftslehre, Artijus, 1970)
- LEFEBVRE, H. (1996) *The production of space*. Oxford: Blackwell.
- SANTOS, M. (1996). *A natureza do espaço*. São Paulo: Hucitec.
- SENNET, R. (1988). *O declínio do homem público*. São Paulo: Cia das letras.
- STEWART, L. (1995). Bodies, visions and spatial politics: a review essay on Henry Lefebvre's "The production of space". in *Environment and Planning D: Society and Space*, Vol-13, [:609-618]
- VELHO, G. (2003). O desafio da proximidade. in VELHO & KUSCHNIR (orgs.) *Nas fronteiras do contemporâneo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- VILLAÇA, N. & GOÉS, F. (2001). A emancipação cultural do corpo. in Villaça & GOÉS (orgs.) *Nas fronteiras do contemporâneo*. Rio de Janeiro: Mauad.